

MURATA SAYAKA E UM FUTURO *QUEER* PARA DEPOIS DO FIM DO MUNDO

MURATA SAYAKA AND AN AFTER-THE-END-OF-THE-WORLD *QUEER* FUTURE

Fabio Pomponio Saldanha¹

USP

Resumo: Apresentamos uma leitura de *Mundo em extinção* (2015/2018), de Murata Sayaka, ao mesmo tempo em que se tenta desestabilizar uma certeza atribuída ao romance como uma leitura *queer* do futuro reprodutivo, no qual a crítica aqui selecionada parece pressupor um posicionamento crítico da obra que resolve, de uma forma ou outra, questões de reprodução e violência de gênero. O que se sugere, ao reapresentar o romance e pontos parafraseados da fortuna crítica escolhida para diálogo, é a certeza de suas leituras e interpretações do local da literatura no mundo atual como representante crítico do que se enxerga, ao ler o livro em questão como uma ficção especulativa que problematiza, pelo futuro, o presente. Ao se sugerir que o escalonamento da violência em *Mundo em extinção*, na verdade, não só depende, mas como agrava, a violência de gênero, tenta-se, repensando o lugar do *queer* nas questões da fortuna crítica, sugerir o que se entende como fim do Mundo, e por que é necessário defender, minimamente, levá-lo em consideração positivamente.

Palavras-chave: Ficção Especulativa; Fim do mundo; Pessimismo queer; Murata Sayaka.

Abstract: A reading of Murata Sayaka's *Vanishing World* is presented, at the same time that it tries to destabilize a certainty attributed to the novel as a queer reading of reproductive future, in which the selected criticism seems to presuppose a critical positioning of the novel that solves, one way or another, issues of reproduction and gender violence. What is suggested, when representing the novel and paraphrased points from the critical fortune chosen for dialogue, is the certainty in their readings and interpretations of the place of literature in the current world as a critical representative of what is seen, when reading the book in question as a speculative fiction that problematizes, for the future, the present. By suggesting that the growth of violence in *Vanishing World*, in fact, not only depends on, but also worsens, gender violence, an attempt is made to rethink the place of queerness in the critical fortune's issues, suggesting what is understood as the End of the World, and why is it necessary to defend, at least, taking it positively into consideration.

Keywords: Speculative fiction; End of the world; Queer pessimism; Murata Sayaka.

Submetido em 02/01/2025

Aprovado em 26/02/2026

¹ Fabio Pomponio Saldanha (elu/delu) desenvolve pesquisa de Doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC), na Universidade de São Paulo (USP), com financiamento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7. Tem graduação em Letras (Português-Japonês) pela mesma Universidade. E-mail: fabio.saldanha@usp.br.

複数のカテゴリーを創造していくことと、規範と差別の構造の問い直しが、ともになされるべきなのである。本論で検討してきた村田沙耶香の小説におけるジェンダー・クィアな挑戦は、わたしたちの世界をひらくはずである。

Iida, 2019, p. 63²

Introdução

Imaginar outros futuros possíveis a partir de uma espécie de transporte para um mundo já um tanto distópico seguiu certa lógica na produção de Murata Sayaka (1979-)³ até, por exemplo, a chegada de *Konbini Ningen* (Specchio, 2022), traduzido em 2022 por Rita Kohl ao português brasileiro como *Querida Konbini*. A partir de então, certo foco no presente parece indicar, ainda assim, certo *iwakan*,⁴ sentimento de não pertencimento ou inadequação das personagens e narradoras de Murata que, invariavelmente, parecem precisar (re)interpretar os códigos sociais ali presentes em um cálculo constante de: afinal, quem aqui está realmente errado? As narrativas, que nunca oferecem uma resposta simples, matizam dicotomias, contradições e insistem nos limites possíveis de um mundo marcado pelas distinções, por exemplo, de gênero, enquanto assistem ao mundo todo, metaforicamente, pegar fogo.

Neste trabalho, no entanto, retornaremos às primeiras produções de Murata, nas quais é o futuro a aposta, como decalagem do presente/passado já em ruína, feito de tópico para discussão a partir da narrativa. O foco principal recairá em *Shōmetsu Sekai* (2015/2018),⁵ o qual será detalhado, enquanto também analisado, no segundo bloco deste texto. Ao tentarmos entender como a trama do romance simula, ao mesmo tempo, uma espécie de futuridade *queer* (cf. Alzate, Yoshio, 2022; Iida, 2019; Specchio, 2020; 2022)

² Em tradução minha: “Devemos, ao mesmo tempo, questionar até a raiz das criações de categorizações confusas, assim como seus modelos e suas discriminações. Os desafios impostos pelo gênero *queer* nos romances de Murata Sayaka, que investiguei aqui [no texto referenciado] deveriam expandir nossa percepção do mundo.” Todos os textos que forem citados no original terão tradução nossa indicada em rodapé. Textos utilizados a partir de traduções já feitas para o português brasileiro conterão indicação de seus/suas tradutores/tradutoras nas referências completas deste artigo.

³ Em japonês: 村田沙耶香. Nomes em língua japonesa seguirão a ordem do sistema linguístico de partida: sobrenome–nome.

⁴ Em japonês: 違和感.

⁵ Em japonês: 消滅世界. Em tradução nossa: *Mundo em extinção*. A primeira edição, em capa dura *tankobon*, é de 2015; a edição que utilizamos neste texto já é o relançamento em *bunko*, datada de 2018.

e um quase-retorno à noção segundo a qual a heteronormatividade criticada é também um espectro que ronda a possibilidade de se cair, mais uma vez, na mesma norma (cf. Harada, 2022; Seaman, 2022), buscaremos, nas conclusões, reinterpretar certas passagens do texto e da fortuna crítica, de modo a tensionar um outro ponto, que é o do fim do mundo, a partir de uma necessidade de sua chegada, como fim das amarras de gênero e das pressões que moldam a estrutura social ali reproduzida, quando da junção entre a equivalência de “sexo = reprodução” e “ser-mulher-cis = ser-mãe”.

1. Ensaio desejoso do fim do mundo

A história de Amane (雨音) é narrada em primeira pessoa durante *Shōmetsu Sekai*. Em um mundo no qual o casamento pode significar a união para estabelecimento de uma família, o amor romântico e o amor carnal (i.e., do sexo) se encontram não somente bipartidos, mas sim dissolvidos pelas teias possíveis a serem formadas ao longo da vida. A família, ao se formar, parece representar o amor idílico entre o casal, romântico, *ai*; no entanto, tal união não se traduz, por exemplo, como dentro da monogamia, dado que, na narrativa, os casais representados não deixam, por exemplo, de ir a encontros (*dēto*),⁶ ou manter outras formas de relacionamentos (como namoros). Além disso, um casal constrói uma vida junto tendo a noção de que o sexo (o amor carnal, *koi*),⁷ não se realiza nem fora do casamento, nem dentro. A geração de novas crianças também parte do mesmo princípio: para a gestação, não se considera mais dentro da regra aceitável socialmente a concepção a partir do contato sexual/físico/carnal entre parceiros, mas sim, a partir de técnicas artificiais.⁸ Assim, pais/mães solo e famílias homo/heteroafetivas têm, em teoria, direitos iguais quando se pensa tanto no controle reprodutivo, quanto na liberdade de decidir ter filhos.

⁶ Em japonês, デート. Esse fato, inclusive, faz do casamento como formação de família algo que se questiona na narrativa, quando, por exemplo, Amane casa.

⁷ Em japonês: 恋. O contraponto, amor romântico, é *ai*, 愛. Há vezes, também, que o termo utilizado, como para demonstração do amor é *ren'ai*, 恋愛, uma espécie de mistura entre os amores a reforçar que a prática carnal, de certa forma, se mantém como determinante na relação. No entanto, nas vezes utilizadas na narrativa, há uma espécie de deslocamento, como se a ideia antiga do amor carnal, i.e., aquilo que perpassa o contato físico-sexual, já se encontra diluída em uma coisa outra, há ser, por exemplo, a ideia perene, momentânea, de um encontro, um namoro, *versus* a ideia na qual o casamento é o domínio do fixo, atemporal, etc.

⁸ Tal tema também fora explorado no conto “Um casamento limpo” (2015).

No entanto, esse mundo construído ao redor de Amane sempre lhe garantiu uma relação, no mínimo, dúbia. Fruto de uma relação carnal de pais que não se casaram, sendo criada pela mãe solo, a personagem principal/narradora demonstra desde cedo o estranhamento dos/aos outros quando, a partir de uma reunião de sua mãe com um professor da escola, se confirma que Amane é fruto do “antigo normal”, não mais entendido como aceito socialmente. Na narrativa, são diversas as vezes nas quais tal característica é colocada, inclusive, como aspecto laudado socialmente para que a mesma sofra *bullying* e seja julgada.

A primeira ocorrência disso se dá na escola, após uma conversa sobre como as pessoas passaram a vir ao mundo, com seu professor:

「。。。ええと。。。昔はそういう方法で妊娠する人が多かあったのよ。お母さんは、きっと科学の発達の歴史を、雨音ちゃんに勉強して欲しかったんじゃないかしら」
 「いえ、私はそうやって生まれたんだって、母が言ってたんです」
 「まあ。。。ええと。。。」
 「母はおかしいんでしょうか？嘘をついているんでしょうか？」
 「。。。そうね、こんど家族訪問があるから、少し先生もお母さんとお話してみるわね。きっと、お母さんは勉強熱心なだけなのよ」
 だが家族訪問に来た先生にも母はあけすけに、自分が性行為で私を妊娠したことを話し、仰天した先生がつい同僚に漏らして、職員室で話題になってしまった。
 話はいつの間にか、PTAまで広がった。男子から学校で下品な言葉でからかわれた。
 「お前んちって、父さんと母さんがヤッて生まれたんだろ？そういうのキンシンソウカンっていうんだぜ、うげー、気持ちわり！！」
 吐く真似をする男子に、私は反論できなかった。吐き気を誰よりも堪えているのは自分だったからだ。(Murata, 2018, p. 17)⁹

A história dos desconcertos/desconjuntamentos entre Amane e a sociedade sempre passa pela ótica da personagem principal, afinal, acompanhamos a sua maneira de ser/estar no mundo enquanto descobrimos/desvelamos a narrativa. Há, de certa forma,

⁹ Em tradução nossa: “... É... você sabe... No passado, muitas pessoas engravidavam dessa forma. Tenho certeza de que sua mãe só queria que você estudasse a história do progresso científico.” “Não, minha mãe me disse que nasci assim.” “Bem... é...” “Minha mãe está louca? Ela está mentindo?” “... Então, vou fazer uma visita a vocês para tentar conversar um pouco com sua mãe. Tenho certeza de que isso é só um desejo de conhecimento científico passado a você, por parte da sua mãe.” Porém, minha mãe contou abertamente ao professor, em sua visita à nossa casa, que havia sim engravidado por meio de relação sexual, deixando-o surpreso e, por fim, ele acabou contando aos seus colegas de trabalho, fazendo com que o assunto logo virasse o papo mais caloroso na sala dos professores. Em um piscar de olhos, a história se espalhou para a Associação de Pais e Mestres. Um menino me provocou, de maneira bem vulgar, na escola, por conta disso: “Você nasceu quando seu pai e sua mãe fizeram sexo, é isso? É aquela coisa de *kinshinsōkan* [comportamento/verdade proibida]. Eca, que nojo!!” Não pude discutir com o menino que fingiu vomitar, porque fui eu quem aguentou as náuseas mais do que qualquer outra pessoa.

como poderíamos pressupor, “naturalmente”, certa exposição dos fatos como eles só podem ser: já interpretados anteriormente por serem enunciados enquanto uma construção subjetiva da realidade. Não seria, possivelmente, e defendemos tal hipótese, diferente de um caso no qual tivéssemos um narrador em terceira pessoa dedicado a narrar os fatos “de fora”, adentrando aqui e acolá pensamentos, sentimentos e determinando as falas de todos os seus outros, as personagens da narrativa. O que destacamos, quando reforçamos a importância de relembrarmos que acompanhamos a narrativa de Amane pelos olhos de Amane, é a própria possibilidade de vermos, também, o já desconjuntado mundo que acompanhamos como o “lado de fora da narrativa”, como sempre presente.

O efeito poderia ser diferente caso acompanhássemos somente de fora? Talvez, mas, ainda assim, defendemos, estaríamos acompanhando *um* mundo. O Mundo, categoria holística a ser possivelmente defendida enquanto existente em seu suporte físico, não deixa de conter diversos mundos dentro de si, a determinar como, talvez, impossível o entendimento segundo o qual passa a ser menos válido, ou até mesmo invalidado, descrever o mundo apontado e vivido por Amane como o único mundo possível da narrativa. Sair do mesmo pode significar, então, a necessária saída definitiva desse, como a possibilidade de desejarmos seu fim. Isso porque, como buscaremos demonstrar, adjetivar o mundo e a narrativa de Amane simplesmente como subjetivas e supor dali um mundo “real”, do lado de fora, não extermina, ainda, a criação de mundos “de dentro” e “de fora” como o problema também não só da hermenêutica, mas da própria chance de podermos, quando nos dirigimos à literatura, imaginar/fabular criticamente as consequências dos próprios cenários ali imaginados. Permanecer, portanto, na aporia sem uma resposta imediata que elogie ou um, ou outro, modelo interpretativo, é também tentativa de aposta a ser mediada aqui em nosso texto, enquanto apresentamos e seguimos tentando interpretar os pontos de tensão a serem destacados dentro do livro de Murata.

Mesmo depois do *bullying* na escola, Amane segue sua vida: a narrativa nos mostra que, mesmo dentro dessa primeira instituição na qual a diferença de si com os outros está dada e posta como negativa, a narradora vai destacar o dia em que conhecera seu primeiro namorado, um menino que estava, em suas atividades extra-classe, pintando um quadro de um personagem de desenho animado (na narrativa, chamado de *Rapisu*, ラピス). Amane se interessa pelo colega exatamente pelo vínculo que também possuía com tal personagem, ainda que de uma forma diferente: a narradora vai defender ser possível, através de uma

espécie de conexão física, com objetos que remetem à personagem (bonecos, chaveiros, etc.), ter uma relação sexual com o mesmo. O termo utilizado é *sekkusu*,¹⁰ anglicismo inserido na língua japonesa a partir da marcação com o silabário em *katakana*, diferentemente dos outros dois tipos de amor já destacados, escritos em *kanji*.

A narrativa segue nos apresentando a diversas cenas nas quais é o desconjuntamento de como Amane *veio ao* e *vive no* mundo que vai sendo colocado em questão para a personagem, a partir do contato com a permeabilidade da diferença como fundamento da criação da identidade. Seja conversando com amigas da escola, colegas de trabalho, ou mesmo seus interesses amorosos surgidos ao longo dos anos em seus encontros, ou com o marido, a questão principal, uma espécie de “mundo de lá”, o de seus amores com personagens de desenho, filmes, etc.,¹¹ parece seguir causando, de imediato, uma reação misteriosa nos seus ouvintes.

Diversas vezes, ao relatar que o ato consumado entre ela e seus amores ficcionais é também um ato sexual, ainda que a palavra varie, como já demonstrado, a primeira resposta recebida é um “Amane, você tem certeza que não se trata de masturbação?” A pergunta, no entanto, gera um incômodo passageiro na personagem: mesmo sendo questionada se sua visão de mundo não conteria certa paralaxe, erro de leitura no círculo hermenêutico ao considerar a realidade um texto a ser lido e decifrado, Amane, ora sim, ora não, chega a repensar se deve ou não expor sua teoria do “mundo de lá” e o que significa ter uma relação sexual com um personagem (*kyara*).¹² Todavia, a narradora, ainda assim, mantém a ideia na qual essa conexão é sim, também, sexual (i.e., real) e, necessariamente envolvendo um outro, não só e somente só um ato imaginado entre si e para si, em busca de certo prazer.

Tanto assim o é que, durante a narrativa, também acompanhamos o fato de Amane apresentar, aos seus pares românticos, em seus *dēto* e **seus relacionamentos (que não o casamento com Saku, 朔)**,¹³ o que é o “antigo normal”, o amor carnal realizado a partir do sexo. Dizendo que aprendera com os livros antigos, mantidos

¹⁰ セックス, em japonês.

¹¹ Na narrativa, Amane sempre defende a existência de um “mundo de lá”, escrito como *acchi no sekai*, あっちの世界.

¹² キャラ, redução de *kyarakutā*, キャラクター.

¹³ Na narrativa, também frequentemente chamado somente de marido, *otto*, 夫.

pela mãe na casa da infância, como se dá a realização de tal ato, nomeando o que são as partes do corpo que devem ser utilizadas para o ato da consumação do sexo, se torna parte de quem Amane é defender a importância da manutenção de tal sistema, principalmente pensando no fato de que, na narrativa, o observado não é, por exemplo, uma vontade de ter filhos quando se pensa no encontro sexual, mas sim, a possibilidade de ter prazer.¹⁴ Ser aberta e direta com seus parceiros em relação a isso, mesmo assim, causa, aqui e acolá, estranhamentos que, como descreve a narradora, não chegam a afetar a forma pela qual ela entende a sua realidade e a importância de tal ato para si, mas sim, a fazer com que, de certa forma, a sua realidade e a sua forma de entender o ato sexual carnal enquanto importante seja, minimamente, demonstrada e apresentada a seus interesses românticos, dado que o consentimento dos *kyara* se encontra, na economia ali estabelecida, já dado.

A construção das teias afetivas entre as personagens, com a dramaticidade também tendo certo peso com a possibilidade de imaginar um mundo no qual o sexo/amor carnal já não encontra chance alguma de existência parece, ao mesmo tempo, encontrar em Amane certo foco de drama enquanto, para os outros com quem geralmente a narradora passa a discutir tais questões (seu marido, por exemplo), tal mundo não só parece factível de existir, como já existe, além de ser algo até mesmo desejável de completa existência. Essa espécie de laudo da impossibilidade de ver um mundo sem o encontro sexual, para Amane, não interdita somente a possibilidade do prazer, do gosto que a personagem demonstra ao longo dos encontros com seus namorados ao apresentar a possibilidade de aprender/realizar tal ato, mas sim uma espécie de laudo final negativo para ela que, ao ler tal constatação alheia como quase um desejo de aniquilação, direciona-o para tudo aquilo que, inclusive, fez de Amane... Amane.

Essa espécie de resolução final, daquilo que torna Amane também diferente, uma existência anacrônica/descolada da realidade ali diretamente influente em suas relações sociais, é uma maneira de não aceitabilidade sem crítica das regras a serem formadas e

¹⁴ Isso fica demonstrado quando Amane ensina Mizuto (水人, entre as idas e vindas da narrativa, variando os focos dos episódios, nas páginas 100–150) como funcionava exatamente o ato sexual, entre o desenvolvimento de seu relacionamento a partir do dia em que o primeiro tópico trocado em comum eram alguns mangás que ele desejava jogar fora, até o ato sexual em si. Mizuto também tinha um relacionamento muito parecido com o de Amane e Saku: casado, ele e sua esposa (na narrativa muitas vezes referida como *oku-san*, 奥さん) também mantinham a vida do *ai* e do *koi* separados, cada um em seus *dēto*, sendo que a relação de Amane e Mizuto vai evoluindo, também, para uma espécie de namoro.

vistas pelas lentes da narradora. A resistência presente na não aceitação inerte do fim do sexo no mundo ultrapassa certa relação intrínseca da atividade com a busca do prazer dividido com o outro e entra na ordem do aniquilamento do próprio mundo que Amane traduz como seu, uma espécie de aviso/prelúdio do fim da sua própria existência, já que ela é também um símbolo desse mundo passado, de certos costumes que hoje se encontram “em decadência”, não tão bem vistos socialmente. Não permitir que tal mundo, enfim, entre no esquecimento é também não permitir que o tipo de relação e importância dada pela personagem para aquilo que a constitui enquanto diferente seja obliterado em um último golpe redentor da história dos costumes para que ela, de maneira conjunta a isso, não suma também.

Aos poucos, no entanto, outro eixo narrativo importante vai se desdobrando pela narrativa. Em um primeiro momento, um pequeno aceno indicando que a cidade natal da personagem, Chiba, está se tornando uma espécie de “cidade experimental”, fechada ao mundo externo para ser possível começar a criar algo que, na primeira menção do fato, não se sabe muito bem do que se trata, somente um rumor em torno do controle reprodutivo. No entanto, em uma das conversas entre Amane e Saku sobre a possibilidade de imaginar um mundo sem sexo, eis o anúncio que assistem na TV:

千葉が実験都市として生まれ変わり、もうすぐ10周年になります。各地でお祝いムードが高まり、様々なイベントの準備が進められています。ご存じのように、実験都市千葉では「家族」というシステムではなく、心理学・生物学・あらゆる視点から研究されて誕生した新しいシステムで、人々は子供を育て、命を繋いでいます。毎年一回、12月24日、コンピューターによって選ばれた住民が一斉に人工授精を受けます。受精する人間はコンピューターで管理され、健康面や過去に産んだ回数などを考慮して選べます。人口は増えすぎず、減りもしないように計算され、ちょうどいい人数の子供が生まれるように完璧にコントロールされます。男性は人工子宮を身体につけて受精します。今年も男性の人工子宮の成功者は出ませんでしたが、500人が着床までは成功し、うち4人が子宮の中で数か月子供を育てることを達成しています。もしかすると来年こそ、男性から初めて子供が生まれるのではないかと、期待が高まっています。人工授精で出産された子供は、そのままセンターに預けられます。子供たちは、15歳になるまでの衣食住をセンターで保障され、15歳になって自分も「受精」する年齢になったら、大人とみなされてセンターを出ます。その世界では、全ての大人が全ての子供の「おかあさん」となります。すべての子供を大人全部が可愛がり、受精を注ぎ続けます。第1回の人工授精でできた子供は8歳になり、「家族（ファミリー）」システムで育った子供より、均一で安定した受精を受けることで精神的に安定し、頭脳・肉体ともに優秀であることが証明されています。生まれついた「家族」が機能不全であることによる不公平なリスクを子供が負うことはありません。すべての子供が、すべての大人に愛されて育つ、まさに「楽園（エデ

ン) 」のようであることから「楽園 (エデン) システム」と名付けられています。12月24日に一斉に受精した子供の出産期は8月末から9月あたりで、そろそろの季節が訪れようとしています。

もうすぐ第11回の受精の準備が始まります。各地でお祝いの式典が行われ、視察を兼ねて、各国から要人が駆けつける予定です。

遠くない未来、人数は「家族 (ファミリー) 」システムではなく、この新しい「楽園 (エデン) システム」で繁殖していくことになるでしょう。まさに未来の人数の姿を最先端の技術で実現しつつある実験都市の、素晴らしい実験成果とそこに至るまでの研究者たちの努力について、今夜はスペシャル番組で詳しくお伝えいたします。(Murata, 2018, p. 129–131)¹⁵

Pela natureza fragmentada da narrativa dos acontecimentos, a própria continuidade da discussão do programa anunciado só vai acontecer um certo número de páginas depois, já que, retornamos, no período seguinte, o foco para o dia-a-dia de Amane, Saku, seus encontros, namoros, etc. Quando de fato param para observar o programa e pensar em algo como um futuro possível a partir dessa junção que ambos possuem, é da vontade de continuar e construir uma família que ambos falam, chegando a confabular nomes, como criar as futuras crianças, seguidos de consultas ao médico,

¹⁵ Tradução nossa: [e]m breve, completam-se dez anos desde que Chiba renasceu como uma cidade experimental. O clima de comemoração está se intensificando e seguem em andamento os preparativos para diversos eventos. Como já é sabido, na cidade experimental de Chiba, as pessoas criam os seus filhos e mantêm as suas vidas ligadas não ao sistema de “família”, mas a uma nova organização social que foi criada através de pesquisas de várias perspectivas, incluindo, entre outras, a Psicologia e a Biologia. Uma vez por ano, no dia 24 de dezembro, os moradores selecionados por computador passam por inseminação artificial. Os participantes do processo de fertilização são cuidadosamente escolhidos por um computador e podem se destacar com base em fatores como saúde e números prévios de nascimento. A população é calculada para não aumentar e nem diminuir drasticamente, sendo perfeitamente controlada para que tenhamos regularmente o número certo de crianças. Os homens usam um útero artificial para fertilização em seus corpos. Embora nenhum útero artificial masculino tenha sido utilizado com sucesso este ano, 500 homens passaram pelo processo de implante com êxito e quatro deles conseguiram manter o processo de gestação durante vários meses. As expectativas são grandes para que, talvez, no próximo ano, tenhamos o nascimento do primeiro filho gestado por um homem. Os bebês nascidos através de inseminação artificial são deixados em um centro coletivo de cuidado. As crianças têm garantia de alimentação, vestuário e abrigo nesse centro até atingirem os 15 anos de idade e, ao chegarem nesse marco, passam a ser consideradas aptas para “fecundação” e, logo, se tornam adultas, saindo do centro coletivo para o convívio social. Neste mundo, todos os adultos são considerados “mães” de todas as crianças. Todos os adultos cuidam de todas as crianças e continuam o processo de fertilização. A criança nascida através da primeira inseminação artificial completa, agora, 8 anos de idade e, por ser fruto de um processo de inseminação artificial regrada e estável, quando pensamos na comparação com crianças criadas no antigo sistema “familiar”, já obtivemos resultados que comprovam a excelência do desenvolvimento corpóreo e cerebral de nossas crianças. Por não nascerem em “famílias” disfuncionais, as crianças não passam pelo injusto processo de terem seu crescimento danificado. Como todas as crianças são criadas e amadas por todos os adultos, em uma espécie de Paraíso, chamamos nosso sistema de “Sistema Éden”. Como todas as fertilizações acontecem, de uma só vez, no dia 24 de dezembro, o período de nascimento de tais crianças varia do final de agosto para meados de setembro, sendo que mais uma vez tal época se aproxima. Os preparativos para a 11ª fertilização começarão em breve. As cerimônias comemorativas serão realizadas em vários locais e espera-se que representantes de todo o mundo compareçam para observar o evento. Num futuro não muito distante, espera-se que a humanidade siga o caminho do novo “sistema Éden”, deixando de lado o sistema “familiar”. A transmissão desta noite exibirá com detalhes os maravilhosos frutos experimentais de Chiba, obtidos com a tecnologia de ponta para entender com precisão qual será a forma da população futura, assim como os esforços dos pesquisadores para que tal objetivo seja atingido.

além da continuidade da “normalidade”.¹⁶ A certeza de um dia desejarem ter uma família, pensada nessa unidade criticada, talvez, pela propaganda de Chiba, vai mudando ao longo do tempo na segunda parte da narrativa, que viemos citando e parafraseando, sendo que Saku, eventualmente, quase entra em coma por abuso de substâncias alcoólicas em certo ponto por algo que, aparentemente, vinha sempre aparecendo, aqui e acolá, na sua forma de se pronunciar, uma postura melancólica, do jeito de pensar e refletir em torno de seus namoros e na preferência de sempre estar ouvindo Amane, entendendo que ela, de certa forma, é quem possuía alegria e chances de deixar seus dias mais interessantes/radianes. Nesse ínterim, Amane e Saku, por fim, decidem partir em direção à Chiba para tentar construir a sua tão desejada família, envolvendo a gestação e o nascimento de sua descendência.

Ainda que possa parecer um tanto exaustivo a paráfrase aqui feita, preferimos explorar um pouco mais alguns dos elementos disponíveis antes da chegada do casal em Chiba por vermos, na fortuna crítica que destacamos (Alzate, Yoshio, 2022; Iida, 2019; Specchio, 2020; 2022; Harada, 2022; Seaman, 2022) um foco maior no desenvolvimento da última parte, após a chegada de ambos à cidade experimental. Por um lado, que de fato as especulações maiores, em termos de elementos para um futuro *queer*, estejam mais explícitos nesse ponto-chave da história de Murata, cremos que os momentos pelos quais passamos e buscamos deixar mais destacados até aqui podem servir, inclusive, como instrumentos para balizarmos melhor certa fé naquilo que se enxerga *na* produção crítica de *Shōmetsu Sekai* como uma espécie de projeto de dissolução dos papéis de gênero e ao futuro reprodutivo da nação. Buscaremos pensar, assim, um tanto contra a certeza de que o visto ali é, de fato, crítico, mas sim, em uma volta confusa ao observarmos mais os antecedentes da chegada à nova cidade, que permanecemos em um mundo ditado por critérios de gênero e, a partir da especulação, o que se tem, talvez, seja mais um desejo de que de fato o mundo como tal conhecemos acabe, do que o já propriamente pensado mundo a partir de uma outra forma de existir, ser e estar no mundo, criar conexões, etc.¹⁷

¹⁶ Há, no consultório, quando Amane está passando pelos exames para pensar uma possível inseminação, um momento no qual se lê a conversa da possibilidade de gerar uma criança a partir do contato sexual carnal, rejeitada por quem atende a narradora pela mesma consideração já feita por tantas outras pessoas, em tantos outros encontros: isso é coisa do passado.

¹⁷ Ainda que, por exemplo, o trabalho de Specchio (2020; 2022) valorize a chance de entendermos como é possível criar outros tipos de laços a partir da análise teórica baseada em Donna Haraway e suas críticas ao Chthuluceno, o ponto principal parece deslocar a força da violência de gênero como constitutiva da própria problemática observada, não colocando, talvez, todos os possíveis pingos nos i's.

Mas o que se passa na terceira parte da narrativa? Depois de migrarem para a cidade experimental, que em mais nada representa a Chiba idílica da qual Amane não possui lembranças a não ser por aquilo contado pela mãe na época em que lá residia, o casal começa os planos para a gestação. Ambos, Amane e Saku, irão fazer parte do programa de seleção via computador, como prometido pela propaganda vista quando ainda não residiam na cidade e, por fim, os dois são selecionados como candidatos viáveis para seguir em frente com a inseminação artificial. Saku recebe um útero artificial para poder tentar engravidar, dando procedimento com os passos seguintes, continuando o mesmo processo que Amane. Acompanhemos o comentário de Harada (2022, p. 39-40; grifos nossos):

Eden's kinship system also denies the individual child's *biological* identity and *biological relations* between *parents* and *children*. The seemingly equal and loving communal society is based on dogma that erases individual identity and familial differences — leaving only the mother-child dyad. *The equal opportunity for conception and love ironically cultivate homogeneity and minimize diversification despite mixing biogenetic pools among the people in Eden*. The seemingly equal reproductive system produces similarly-minded people and behaviors and, thus, removes individualized needs and beliefs because the system discourages emotional attachment to an individual. *The irony of an egalitarian society that promotes the erasure of difference creates a sense of uncanniness in the world of Eden*.¹⁸

E é neste ponto que, por fim, as coisas começam a andar de uma outra maneira. Ainda que ambos consigam dar procedimento ao processo de engravidar, é somente Saku quem chega até o fim da gestação: Amane, em certo momento da narrativa, acaba perdendo o bebê e toda a situação é encarada de forma que, depois dos exames para tentar entender o ocorrido, é com a frieza do procedimento que a narradora irá se espantar. Depois de ouvir um simples "boa sorte com a sua próxima tentativa", algo dentro de Amane se perde na maneira como a mesma é ancorada ao mundo, até as páginas finais do romance. Lá, encontrando um dos *kodomo-chan* (子供ちゃん) que havia acabado de completar 15 anos, ou seja, a idade na qual se sai da condição de criança e o indivíduo se torna adulto, Amane tenta,

¹⁸ Tradução nossa: “[o] sistema de linhagem do Éden também nega a identidade *biológica* da criança individual e as relações *biológicas* entre *pais* e *filhos*. A sociedade comunitária aparentemente igualitária e amorosa é baseada em dogmas que apagam a identidade individual e as diferenças familiares – deixando apenas a díade mãe-filho. *A igualdade de oportunidades na concepção e no amor cultiva ironicamente a homogeneidade e minimiza a diversificação, apesar da mistura de reservatórios biogenéticos entre as pessoas no Éden*. O sistema reprodutivo aparentemente igual produz pessoas e comportamentos com ideias semelhantes e, assim, elimina necessidades e crenças individualizadas, já que o sistema desencoraja o apego emocional a um indivíduo. *A ironia de uma sociedade igualitária que promove o apagamento das diferenças cria uma sensação de estranheza no mundo do Éden*”.

uma última vez, apresentá-lo ao seu antigo mundo, o mundo do sexo carnal, mas com alguma estranheza no que está tentando realizar: “白いシーツの上で、私はセックスを作っていた。作るしか方法はなかった。前のやり方もう忘れてしまって、私の身体の中から消えて無くなってしまったのだから。” (Murata, 2018, p. 272, grifo do original)¹⁹ Para começarmos a pensar então algumas das possíveis contradições que possam envolver a literatura e a imagem criada da mesma na crítica, vejamos o seguinte comentário de Harada (2022, p. 40):

While the male *kodomo-chan*'s innocence is stressed here, also striking is that Amane has forgotten how to have sex. Amane explains that her coitus with the *kodomo-chan* is not for sexual pleasure but for “a sense of relief” (*andokan*) (Murata 2015, 251). Since the passages describe Amane's action as “*sekkusu o tsukutteita*” or “*she was making/creating sex*,” her action suggests multiple meanings: Amane tries to create a human baby or to create a new myth (genesis) or to create sexual intercourse in a new way. Amane says, “I am trying to create inside of my body something that human beings have never done” (Murata 2015, 251). This statement might indicate that she will create a baby in her womb, as those in Eden, including Amane, never have had sex for reproductive purposes. Ending the story with the union of Adam and Eve can be read as Amane's resistance to the homogeneity of Eden's family system because her act itself will destroy sexual innocence and its equilibrium. Amane's sinful act of “natural” conception, rather than the use of reproductive technology, also suggests anxiety over the compulsory reproductive ideology and practice in Eden, which allows only one method and one choice.²⁰

Harada pode ser, ao mesmo tempo, um tipo de citação exemplar e paradigmática quando pensamos na fortuna crítica que usamos, aos poucos, de certa maneira, como um espelho do problema ao tentarmos entender a interdição do sexo, a ideia do prazer, a norma da cisheteronormatividade como a imposição da reprodução e, por fim, de como o

¹⁹ Tradução nossa: “em cima dos lençóis brancos eu **criei** o sexo. Não havia outra saída a não ser criá-lo. Isso ocorreu por ter obliterado de minha mente a maneira anterior, por ter esquecido, de dentro do meu corpo, qual era o funcionamento de tudo aquilo, o funcionamento de antes”.

²⁰ As referências da citação partem da edição em *tankobon*, por isso, nossa citação do trecho parecido contém a diferença de páginas. Tradução nossa: “[e]mbora a inocência do *kodomo-chan* seja enfatizada aqui, também é impressionante que Amane tenha esquecido como fazer sexo. Amane explica que seu coito com o *kodomo-chan* não é em busca de prazer sexual, mas de “uma sensação de alívio” (*andokan*) (Murata 2015, 251). Como as passagens descrevem a ação de Amane como “*sekkusu o tsukutteita*” ou “*estava fazendo/criando sexo*”, sua ação sugere múltiplos significados: Amane tenta criar um bebê ou um novo mito (gênese), ou criar relações sexuais de uma nova forma. Amane diz: “Estou tentando criar dentro do meu corpo algo que os seres humanos nunca fizeram”” (Murata 2015, 251). Esta declaração pode indicar que ela gestará um bebê no seu ventre, uma vez que os habitantes do Éden, incluindo Amane, nunca tiveram relações sexuais para fins reprodutivos. Terminar a história com a união de Adão e Eva pode ser lido como a resistência de Amane à homogeneidade do sistema familiar do Éden, porque o seu próprio ato destruirá a inocência sexual e o seu equilíbrio. O ato pecaminoso de concepção “natural” de Amane, em vez do uso de tecnologia reprodutiva, também sugere ansiedade relativamente à ideologia e prática reprodutiva compulsória no Éden, que permite apenas um método e uma escolha.

queer pode entrar neste balaio todo; ou como, ainda, mesmo entrando no balaio a partir da fortuna crítica, o que acontece é, talvez, o oposto do possível, caso imaginemos o *queer* como a contestação radical dos paradigmas de gênero, de modo que os mesmos sejam defendidos a partir da necessidade de sua extinção, para o fim da imposição dicotômica dessa antinomia como violência.

A visão de Harada pode ser considerada exemplar por resumir, de certa maneira, o que viemos tentando sugerir aos poucos, quando observamos as tensões dentro do entendimento de Amane: ainda que seja um dos poucos momentos nos quais se nota realmente a tensão e o questionamento da ideia da heteronormatividade (na crítica) enquanto determinante ou do passado, ou do futuro, ou ainda do que pode vir a existir a partir do livro de Murata, Harada, ao se deparar com o momento final da tensão, desliza um entendimento prévio do que pode ser a função da literatura (ou seja, um prolegômeno teórico) para dentro de seu objeto, desviando a atenção daquilo mesmo que cita.²¹ Para isso, os mecanismos de corte, citação e paráfrase (também utilizados aqui e nos outros autores citados) precisam funcionar a seu favor, de modo que o narrar crítico se confunda com o literário e como descritivo, certo de que seus movimentos, mesmo se questionados, chegariam ainda na certeza da estabilidade prevista a partir da boa função da literatura; quase como... Amane que, mesmo questionada, vez após vez, se o seu mecanismo de entendimento da realidade não passava por um curto-circuito hermenêutico, ainda assim, garantia, de certa forma, a estabilidade do seu pensamento: até que não fosse mais possível.

Exemplar por esse mesmo motivo, ainda que com suas devidas particularidades de recorte, é por se esvaziar o específico, sabendo da repetibilidade da estrutura, que se chega na espécie de paradigma aqui pensado. Mesmo se desejoso de visão crítica, derrapa em um elogio perigoso da instituição literária como lugar seguro da crítica para, no fim, garantir a si também uma espécie de destino manifesto da ilustração, ou seja, a função do crítico; afinal, a literatura, por si só, seria insuficiente como ferramenta de ensino sem que alguém, de fato, ensinasse algo para alguém que precisa ter tal conteúdo ensinado.

A literatura, ao ser utilizada pela crítica como ferramenta de propagação de um mundo outro, parece caminhar em uma trilha na qual já se determina, de certa forma, que

²¹ No entanto, também cremos que é, de certa forma, impossível que não se realize tal fato. Crítica, análise, sem qualquer tipo de prolegômeno que nos acompanha seria, talvez, algo tão impossível quanto fazermos fotossíntese.

o resultado a dali ser obtido é bom, é certamente crítico, contém algum tipo de estrutura de revelação de segredo a dismantelar a ordem anterior. Como se, em um destino manifesto da instituição, acima de qualquer outra possibilidade de entendimento, só pudesse ser utilizada como trampolim em direção à *Aufklärung*. E, no entanto, como garantir que aquilo a ser observado dentro do livro em questão recaia, necessariamente, em uma visão a permitir qualquer noção como avanço, melhoramento, se os padrões estabelecidos pela ficção especulativa caminham, de certa forma, *pari passu* com uma reescrita do passado reforçando não só noções de gênero mas, também, de melhoramento da “espécie”, como uma *bricolage* do passado eugenista (não só japônês)?²²

A insistência de que a homogeneização dos papéis pode simbolizar uma espécie de resposta ao problema da futurização da reprodução, como parece ser uma questão da futura crítica, pressupõe, por exemplo, que o futuro sexo (i.e., do amor carnal, tão importante para Amane), tem sim como estabelecimento a reprodução, única e exclusivamente. Caso fosse o contrário, o mundo sem sexo não seria, talvez, o próprio problema da narrativa em si e do motivo de crise em Amane quando a mesma se vê sem lembranças, inclusive, físicas, de o que é o encontro sexual. E que Amane insista, também, na possibilidade de se imaginar um mundo no qual o prazer é parte constitutiva do que é existir no mundo perpassa uma própria categorização em torno do sexo que é a impossibilidade da discussão, aberta, do moralismo em torno do mesmo, quando pensado *fora* da constituição do entendimento da atividade enquanto reprodução da espécie (Wiegman, 2017).

A importância da característica negativa, ou seja, da insistência na negatividade do critério, como demolidor da possibilidade de se imaginar um mundo no qual a normativização do sexo perpassa qualquer espécie de progressismo, é também o aviso do qual o que se deve evitar é, ao mesmo tempo, reler a própria atividade/ato enquanto *bom* somente para que se retire certa formação estereotípica que, na tentativa de inclusão (i.e.,

²² Não falamos de toda a ficção especulativa como gênero em si, mas sim dessa que analisamos aqui. Ver, por exemplo, Couldry e Mejias (2019), Grewell (2001), Kerslake (2007) e Rieder (2008) como exemplos de junção crítica da ideia na qual a ficção também pode ser usada como instrumento colonial para justificativa da conquista, ideia que usamos em paralelo à possibilidade de pensarmos o reforço da dominação a partir da dicotomia do gênero. A sugestão a se pensar a maneira com a qual a substituição da carne pela máquina passa por uma espécie de reescrita eugenista, assim como quando consideramos tal movimento ao longo do século XX e a sua inscrição, na memória coletiva, a partir de um palimpsesto, são questionamentos de pesquisas que ainda estamos desenvolvendo. É possível, por exemplo, acompanhar as leituras de Silva (2020), Hiroshima (1981), Otsubo e Bartholomew (1998), Otsubo (2005), Hovhannisyan (2020) e Robertson (2002), para mais.

o sexo quando pensado fora da cisheteronormatividade), não acaba somente confirmando a regra, mas também impondo novamente o pressuposto de ali estarmos lidando com algo disruptivo que precisa ser aceito e legitimado por uma espécie de algo aquém e além da materialidade, i.e., o simbólico e a lei.

No entanto, a planificação (caso esse termo seja o mais adequado) dos papéis de gênero, por exemplo, nesse Éden criado dentro da narrativa de Murata, simplifica e equaliza, realmente, as questões possíveis a serem pensadas? Talvez não. Como em Butler (2014), mesmo a possibilidade de enxergarmos, a partir das atualizações lacanianas aos papéis do pai e da mãe nas configurações de famílias fora do modelo cisheteronormativo, ou até quando o cenário é o do desaparecimento da figura “originária”, ou seja, do pai e da mãe biológicos,²³ que tais, a partir do entendimento do psicanalista francês, são considerados “papéis” possíveis de serem ocupados por qualquer um, o que vai ser notado por Butler não é uma resolução rápida, sábia e progressista do problema em si gerado pelo binarismo da necessidade de um papel masculino e um feminino na criação e na formação da psique da criança, mas sim a manutenção da importância de adequação do “diferente” na norma.

Isso porque a transposição para uma espécie de símbolo/papel no simbólico como organizador do Real não altera a composição nem do binarismo, nem da possibilidade de multiplicidade de laços e novas formas de existência no mundo, o que, por exemplo, estaria indo contra as análises de certa parte da fortuna de *Shōmetsu Sekai* (Harada, 2022; Seaman, 2022; Specchio, 2022) ao destacarem que, nesses novos laços possíveis, o questionado seria exatamente o binarismo do gênero e/ou as maneiras com as quais se criam parentescos. Expandir a categoria a partir da ideia do papel simbólico não legaliza, nem torna uma coisa outra, famílias, por exemplo, homoafetivas, como destaca Butler, além de, quando seguimos os raciocínios da autora, tais “funções” pai/mãe podem não ser as melhores formas, ou sequer formas passíveis de aceitação, para outros tipos de laços formados que também constituem algo, hoje, a ser pensado como uma família, como uma geração de parentesco que não só desafia a estrutura tradicional (que conta com a

²³ Ver por exemplo que, em Harada (2022), o sumiço da importância da biologia e do laço biológico entre pais e filhos está pressuposto como ruim, como se nunca, na história do planeta, um laço biológico tivesse sido tão frágil quanto o tecido de um *yukata* a ponto de vermos exemplos, aqui e acolá, de abandono paterno, abuso de crianças, expulsão dos filhos de casa quando os mesmos se “assumem” *queer*, entre tantos outros pontos que, graças ao moralismo em torno da figura do pai e da mãe, são possíveis enquanto manutenção da violência e da ordem cishetero-patriarcal.

força da lei), mas ressignifica e dinamita, por dentro, aquilo que existe, para se fazer algo outro.²⁴

Na narrativa, essa também parece ser a forma pela qual gênero segue se estabelecendo. O sumiço da figura paterna, com a equalização a partir da figura da mãe, não parece ressignificar o que existe disponível enquanto uma ideia de mãe, já que, o tempo todo, a figura comparativa é um grau de diferenciação *a partir* daquilo disponível do sistema tradicional de família, mas só expandido: a ideia da lógica comunitária parece pressupor a naturalização da impossibilidade de dissenso, construção a partir da qual se tem a chance de entender o que é possível fazer como teoria de “melhoramento”, mudança, já que, nas propagandas e no mecanismo de funcionamento da sociedade, as pesquisas e as bases são ocultadas/obliteradas do público. Além disso, o consentimento é apriorístico ao que deve ser cedido sem que se saiba ainda todos os papéis definitivos e, essa sociedade, ao manter como fonte principal a ideia na qual as crianças são amadas, alimentadas, vestidas, entre outras funções, previstas pela possibilidade de se entender tudo isso enquanto a figura *da mãe*, não parecem fornecer subsídios suficientes para que, assim, se questione uma certa formação identitária tradicional do que é ser mãe/mulher ou o que está ligado ao feminino por toda essa construção imagética quando pensamos, por exemplo, na enraização da figura da mulher como a boa esposa e a mãe sábia, em japonês, *ryōsaikenbo* (良妻賢母).²⁵

Aquilo que, em um determinado momento, pode começar a parecer uma certa redistribuição de um problema, i.e., as baixas taxas de natalidade, por exemplo, e seu efeito para o futuro de uma nação, a algo como uma forma outra de responsabilidade reprodutiva/justiça em torno dos meios possíveis de reprodução (cf. Alzate, Yoshio, 2022), no fim, se confunde com uma reescrita de palimpsestos em cima de palimpsestos, permitidos exatamente pela própria configuração do fenômeno da escrita da história enquanto tal. Se a história do futuro é considerada decalagem do passado e do presente, somente tendo como prolegômeno que já existirá ali, de uma maneira ou de outra, uma resposta possível para o problema que se veria, no entanto, como uma espécie de espelho, ou seja, o futuro funcionando de maneira desconjuntada, como já uma resposta consequente de um problema do presente mas que, de uma forma ou outra, responde

²⁴ Os exemplos da autora são, entre outros, famílias que se formam, entre pessoas homossexuais, quando do início da epidemia de AIDS. Para mais, ver as análises da autora em Butler (2014).

²⁵ Ver Melo-Nascimento (2020) para um histórico do conceito.

criticamente ao presente, por que imaginar, necessariamente, que a resposta é a crítica “melhorada” do futuro ao presente? Por uma simples sobreposição de que o futuro responde ao presente como consequência, espelho e crítica? Ou todos esses elementos, por fim, estão *na* crítica literária e em sua visão de que a literatura é, *ipso facto*, potente o suficiente para resolver os problemas do presente a partir de uma especulação em torno do futuro e que, em mais uma volta confusa do parafuso, tal é a intenção do autor, da crítica, da instituição e não se vê, ali mesmo, o futuro como uma versão não possivelmente “pior” como prelúdio (que, mais uma vez, recai em uma espécie de aviso do tipo “tomem cuidado ou acabaremos assim”) do a poder um dia acontecer, mas sim a certeza condenante do presente como tragédia já anunciada, ao porvir?

O sexo carnal, ao sumir da narrativa, não desaparece somente como interdição à possibilidade de se pensar o prazer a partir dali, a fruição de um ato consensual, mesmo que pareça ser uma forma de se ver pelo o que Amane, constantemente, busca lutar por. A reprodução, por ser a chave de entendimento da causa do apagamento do sexo no mundo, garante a chave de entendimento (tanto pelo reforço, por exemplo, da crítica), no qual só faria sentido o contato sexual para reprodução posterior, em uma lógica exigente de papéis a serem cumpridos que, mesmo se anunciados de forma a diluir fronteiras de gênero, parecem seguir reforçando a importância de destacar uma superação que ainda não se resolve, pela pressuposição mesma de que homens, por exemplo, não podem já possuir úteros que não seus artificiais, e que mulheres, por fim, têm a função natural de engravidar, papéis fundamentados a partir da dicotomia, da distribuição e da manutenção do gênero enquanto força estruturante socialmente.²⁶

O sexo, por fim, se torna ato banal e desnecessário na economia narrativa do texto porque, como consequência do desenvolvimento de outras técnicas para reprodução, o ato em si se torna obsoleto e, na reescrita do futuro, desnecessário. Não é somente no Éden da história que tal fato ocorre, como se, somente depois da entrada de Amane e Saku em Chiba, fosse possível imaginar uma certa forma de que todo esse sistema passasse a ser questionado e, dali em diante, uma outra maneira reprodutiva, mais justa, formadora de outros laços, pudesse ser entendida: como viemos tentando demonstrar, tal manutenção da ideia de que o ato sexual serve, talvez, somente como reprodução é por,

²⁶ E o reforço estranho da cena final, ainda, em Harada (2022) como a construção de uma outra coisa a ainda surgir que não fosse, também, baseada em uma desigualdade de poder nutrida pelo incesto confunde, embaralha mais as categorias, do que parece sugerir uma saída possível e positiva a partir da literatura.

mesmo fora da cidade experimental, nenhuma das relações de Amane parecerem entender afinal, o que é, ou o porquê haveria, de fato, importância, do ato sexual carnal com outra pessoa.²⁷

A narradora, no fim, constantemente mudando de cenários e pessoas com quem se relaciona, buscando uma forma ou outra de conseguir encontrar algo que também diga a respeito do seu passado/da sua formação, coloca e aposta suas fichas na possibilidade de manter isso vivo exatamente por ser ela, de certa maneira, uma das poucas representantes desse mundo passado, desse anacronismo vivo em tempos outros. A diferenciação e a manutenção do prolegômeno, no entanto, são o que fazem do próprio conflito um conflito em si e este, mais uma vez, depende e se baseia *no* gênero.²⁸ A aporia, no fim, pela própria característica aporética, impõe uma resolução que, caso se escolha uma resposta, uma forma de olhar, impõe violência: na narrativa, a submissão do mais novo; na crítica, a tentativa de, a partir do recorte de por onde olhar, manter-se a certeza de que, mesmo dentro do horror, há saída da violência, de modo a ainda se preservar o esquema de um modo geral (i.e., uma versão crítica do que é gênero, por exemplo).

E, se é na aporia que localizamos, talvez, os pontos fulcrais que determinam, também, a própria importância da crítica nessa localização *na* literatura de algo fora dela, o que fazer, a partir daqui? Uma resposta rápida, talvez, seria pensar: o fim do mundo!

Considerações Finais

Se no início de nosso texto insistimos na possibilidade de vermos o mundo de Amane na narrativa de Murata como *um* mundo, i.e., uma unidade menor cuja significação também extrapola em uma conexão com um Mundo maior, *O Mundo*, o que significa, então, defender como chance de resposta rápida o fim do mundo? Ou seria esse, ainda, *O Mundo*? Se entendido, também, como outra unidade metafórica, apostaríamos, por fim, que sim, *O Mundo* seria aquele mais adequado a ter fim. Isso porque, como dissemos anteriormente, a unidade a ser terminantemente considerada como *O Mundo* passa por outra paralaxe que, se possível, talvez precise sim ter sua finitude alcançada.

O que defendemos com isso? Começemos com Colebrook (2021, p. 532; grifos da autora):

²⁷ Mizuto, que já mencionamos, chega mesmo a dizer que não quer mais qualquer tipo de relação com Amane por não gostar daquilo que faz do namoro ser o primeiro possível, i.e., do sexo.

²⁸ Ver, por exemplo, Marcos e Mendonça (2020).

How to end the world, and open another game, and not do so in the grand style? It amounts to this: I live and am constituted through this world of theory and yet know it is neither just nor capable of generating justice from its own resources. Too many chances have been given, and still the barbarism. Decades of theory and still, here we are in an age of accelerated mass extinctions and exacerbated micro and macro aggressions. It is all too easy for me, from within the privileged space of theory, to say it's not worth saving; but it is perhaps a worse violence to pretend that this world *must* be saved. Given that being who one is requires holding on to one's world, it would be best for theory to accept that its world is ending, and that it cannot and should not be saved. It can no longer be a question of saving the world for theory, or saving theory for the sake of the world. What is left is something like a minimal theory: other than the project of saving the world what remains is the decency of ending the world of theory *well*. Do "we" hang on to the world we have, keep going as long as we can, and eke out some end days? I think there are some ways in which theory has the resources for the end of the world, but only if it recognizes how much of it is bankrupt and complicit — how much it has been saving itself and its world — and how much other worlds offer.²⁹

Continuando, em outro momento, vai dizer a autora:

What we call the Anthropocene would have been one of slavery's events: the capture and harnessing of human bodies enabled the agricultures, industries, invasions, technologies and philosophies that gave birth to the man who came to recognize himself as a geological agent. *There is no limit*. Man can ask how he (or 'we') will build a future. Alternatively, everything that was negated or *held* by this same man might not care at all for that quite particular universal future and might open to the thought of extinction: not an extinction that unifies a species under threat, but an extinction of everything that is bound up with *the world*. (Colebrook, 2019, p. 49; grifos da autora)³⁰

As perguntas que Colebrook dirige à teoria e ao mundo a restar podem ser bons caminhos para pensarmos, em conjunto com o que buscamos alcançar no bloco anterior de nosso texto, quando o objeto da reflexão se torna não mais somente a literatura, mas

²⁹ Tradução nossa: “[c]omo acabar com o mundo e abrir outro jogo, e não fazê-lo em grande estilo? Isso equivale ao seguinte: vivo e sou constituída através deste mundo de teoria e, no entanto, sei que ele não é justo nem capaz de gerar justiça a partir de seus próprios recursos. Muitas chances foram dadas, e ainda há barbárie. Décadas de teoria e ainda assim, aqui estamos numa era de extinções em massa aceleradas e de micro/macro agressões exacerbadas. É muito fácil para mim, dentro do espaço privilegiado da teoria, dizer que não vale a pena salvá-lo, mas talvez seja uma violência pior fingir que este mundo *deve* ser salvo. Dado que ser quem somos exige apegarmo-nos ao nosso mundo, seria melhor que a teoria aceitasse que o seu mundo está acabando e que não pode, nem deve, ser salvo. Já não pode ser uma questão de salvar o mundo para a teoria, ou de salvar a teoria para o bem do mundo. O que resta é algo como uma teoria mínima: além do projeto de salvar o mundo, o que resta é a decência de acabar bem com o mundo da teoria. Será que “nós” nos apegamos ao mundo que temos, continuamos em frente enquanto pudermos e sobrevivemos alguns dias finais? Penso que há algumas maneiras pelas quais a teoria dispõe dos recursos para o fim do mundo, mas apenas se reconhecer o quanto dela está falida e condescendente — o quanto tem salvado a si mesma e ao seu mundo — e o quanto outros mundos oferecem.”

³⁰ Tradução nossa: “[o] que chamamos de Antropoceno teria sido um dos acontecimentos da escravidão: a captura e o aproveitamento de corpos humanos possibilitaram agriculturas, indústrias, invasões, tecnologias e filosofias que deram origem ao homem que passou a se reconhecer como agente geológico. Não há limite. O homem pode se perguntar como ele (ou “nós”) construirá um futuro. Alternativamente, tudo o que foi negado ou sustentado por este mesmo homem poderia não se importar de forma alguma com esse futuro universal bastante particular e poderia se abrir ao pensamento da extinção: não uma extinção unificando uma espécie sob ameaça, mas uma extinção de tudo vinculado com o mundo.”

quais são as perguntas pensadas, assim como as soluções que apresentamos, de forma a chegarmos em *algum lugar*. Este ponto, como buscamos demonstrar a partir de uma ficção especulativa que parece oferecer algum tipo de decalagem do mundo presente no futuro, de modo que se compliquem certezas, indicando ali mesmo uma certa aporia ao pensarmos não somente no mundo de lá, mas no daqui, indica um quadro parecido ao que Colebrook se dirige (a autora, em específico, está pensando os Estados Unidos da América durante a Era Trump).

Tornarmo-nos responsáveis pelo mundo que nos resta, pensando, talvez, na possibilidade de entendermos o mesmo a partir do olhar do despossuído, ou seja, a partir do ponto de vista daquele a não ver valor no mundo, nos leva também à própria ideia de extração de valor como algo cuja função é estabelecida por ter passado pela exploração para quem o próprio valor não retorna, ou seja, a abertura de um tempo/espço no qual, pela experiência colonial, o valor se constitui (Ferreira da Silva, 2019). Nesse sentido, uma espécie de diluição e manutenção da ideia do crítico como aquele a dispor da possibilidade de extrair o valor e explicá-lo ao outro também garante como estável uma linha tênue entre se entender, quiçá, superior à própria ideia do valor, já que se é capaz de, por fim, atribuí-lo a algo, alguém, etc.

Ao se atribuir a certeza na qual o observado é a crítica revelatória do mundo, o que se pode considerar como obliterado da conta é a própria estrutura *da* revelação, daquilo que é, de fato, o Apocalipse (cf. Derrida, 1987). Entendido como o momento da descida final de Deus/do Juízo Final, o deslocamento da figura de o que significa, de fato, o Apocalipse, pode atribuir deslizes confusos ao que fazemos, assim como, também, à importância autogerida dessa estranha instituição chamada Literatura. O que seria a revelação do fim se torna, metonimicamente e em palimpsesto, o próprio fim. Como espécie de estrutura que também está, relativamente, aquém/além da revelação, figurar o fim do mundo *a partir da* Literatura, talvez, para Derrida (1987), seja a única forma de se ver o Mundo acabando: imaginando, confabulando, dado que o Mundo a aqui nos restar só depende e se traduz enquanto a humanidade caso se pense, também, como já identificado, que há certo recorte mesmo dentro do Humano (Colebrook, 2019, 2020; Wilderson, 2021) ao imaginarmos a tão auto-atribuída importância para que não se deseje esse fim.

O que tentamos, por fim, entender como *pessimismo queer* (cf. Bliss, 2015; Wiegman, 2017) configura uma espécie de união de tais estruturas de pensamento,

quando nos deparamos, concomitantemente, com o texto de Murata. A narrativa, quando focada no futuro, não precisa, necessariamente, pressupor já que o observado é crítico ou dependente de um entendimento/aviso prévio no qual a humanidade corre sério risco caso não aprenda uma lição ou outra, dado que, se assim o fosse, a própria questão continuaria sendo uma manutenção da estratégia aprendizado/aprendiz/professor que depende, talvez, do lugar salvaguardado que a literatura parece ocupar quando pensamos formas nas quais há alguma chance de se questionar o dito/feito no seu outro, a sociedade, a filosofia, a história, etc.

Isso mantém também como salvaguardada a instituição que *inscreve na e escreve a* história da literatura: a crítica. A partir da ideia na qual o que se vê e se observa na realidade de Murata é um dismantelamento geral e uma forma crítica/justa/que pensa certa forma de justiça, especificamente, na reprodução e no futuro da nação, o que parece não ser visto é exatamente uma espécie de funcionamento convulsionado, em redemoinho, das consequências da violência e da manutenção desses sistemas como tais. Mudam-se as roupas de fora, o modo de se apresentar a sociedade num geral mas, ainda assim, o que se observa ali é também um mundo *estruturado por e dependente de* uma sociedade estratificada e dividida, por exemplo, pelo gênero. Pior ou melhor, talvez, possamos pensar em algo que dependa, sim, do critério estabelecido pelo olhar da instituição crítica a ali permanecer, mas, de certa forma, entender o diferente como necessariamente crítico exige algo de fora que, da mesma maneira como foi ali colocado, pode ser retirado, substituído por outro tipo de valor.

Eis o que propomos, então, ao fim da leitura do texto de Murata, tentando entender certa maneira de ver a literatura em um mundo já corroído de dentro para fora e de fora para dentro. O agravamento das questões de gênero, misturadas a partir de um mundo em que o entendimento do futuro passa, necessariamente, pela manutenção dos papéis dentro do binarismo cisheteronormativo, continua, de certa forma, gerando diferença por ser esse o esquema anterior disponível. Ou seja, o futuro como consequência ou alteração do mundo como visto no presente, é também o aprofundamento das diferenças já estabelecidas enquanto tais porque só se entende tal cenário *a partir* da diferença. Explorar uma sociedade isolada, alternativa, como quase um mundo no qual o “gênero” se desfez por passar a chamar todos em um papel simbólico de *mãe* não dismantela, no entanto, o motivo pelo qual se sabe o que é, por exemplo, uma mãe.

A estrutura que baseia o mundo futuro é uma outra versão que caminha a partir do traço da diferença sexual anterior e, assim, mantém e continua deixando viva a base pela qual tal movimento começa, já *in media res*. Logo, o recrudescimento e a expansão da violência dentro da narrativa de Murata, antes de funcionar como um mecanismo no qual possamos entender, de certa forma, uma espécie de aviso no qual a humanidade ainda teria qualquer tipo de chance, qualquer tipo de futuro “mais crítico”, caso se observasse o que ali acontece e não se deixasse tal fato acontecer, esconde também uma possibilidade de vermos que, dentro das opressões ali estabelecidas, qualquer possibilidade de reparação pode, eventualmente, voltar a cair na violência, reiterando-a, tornando-a, inclusive, mais bruta.

Se a estrutura, por fim, a permanecer existindo dentro da narrativa, e de outros textos de Murata como a garantia do prolegômeno da manutenção da violência, por ser ela calcada em um princípio organizacional que esconde, inclusive, sua origem, estando sempre a resolução quase como uma reparação de um traço já diferenciado dentro da estrutura da diferença (cf. Derrida, 2013) em si, pensar a chance do fim do Mundo pode garantir, se não o fim da existência humana na Terra (há de se considerar, também, que alguma bactéria, possivelmente, sobreviverá ao fim do “mundo”...), ao menos formas mais responsáveis, atentas, menos diretamente insistentes em resolver aporias na violência, que entendam, inclusive, como no convite de Colebrook (2019; 2021), o lugar garantido da teoria (da crítica literária e... da literatura) dentro de um mundo que permanece marcado *como* extração colonial, entre uma relação de lucros, dividendos e, quiçá, uma reorganização mais atenta de, se de fato sabemos para onde estamos indo, com a vontade de permanecermos na certeza de que o que se faz é *bom*, algo, possivelmente, já ficou para trás.

Referências

ALZATE, Juliana Buriticá; YOSHIO, Hitomi. Reimagining the Past, Present, and the Future of Reproductive Bodies in Contemporary Japanese Women’s Fiction: Mieko Kawakami’s *Breasts and Eggs* and Sayaka Murata’s *Vanishing World*. In: CAPO, B. W.; LAZZARI, L. (Eds.). *The Palgrave Handbook of Reproductive Justice and Literature*. Suíça: Springer Nature, 2022, p. 465-486.

BLISS, James. Hope Against Hope: Queer Negativity, Black Feminist Theorizing, and Reproduction without Futurity. *Mosaic*, v. 48, n. 1, p. 83-98, 2015.

BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona*: parentesco entre a vida e a morte. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

COLEBROOK, Claire. Slavery and the Trumpocene: It's Not the End of the World. *The Oxford Literary Review*, v. 41, n. 1, p. 40-50, 2019.

COLEBROOK, Claire. Can theory end the world? *Symploke*, v. 29, n. 1-2, p. 521-534, 2021.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. *The Costs of Connection*: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism. Redwood City: Stanford University Press, 2019.

DERRIDA, Jacques. No apocalypse, not now: à toute vitesse, sept missiles, sept missives. *Psyché: inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987, p. 363-386.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. Campinas: Perspectiva, 2013.

FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução de Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: casa do povo, 2019.

GREWELL, Greg. Colonizing the universe: Science Fictions then, now and in the (imagined) future. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, v. 55, n. 2, p. 25-47, 2001.

HARADA, Kazue. Feminist "Failed" Reproductive Futures in Speculative Fiction: Ōhara Mariko, Murata Sayaka, and Ueda Sayuri. In: COPELAND, Rebecca (Ed.). *Handbook of Modern and Contemporary Japanese Women Writers*. Tóquio: Amsterdam University Press, 2022, p. 33-50.

HIROSHIMA, Kiyoshi. 現代日本人口政策史小論(2). 国民優生法における人口の質政策と量政策. *人口問題研究*, n. 160, p. 61-77, 1981.

HOVHANNISYAN, Astghik. Preventing the birth of 'inferior offspring': eugenic sterilizations in postwar Japan. *Japan Forum*, p. 1-19, 2020.

IIDA, Yuko. 村田沙耶香とジェンダー・クィア—『コンビニ人間』、『地球星人』、『その他の創作』. *Juncture*, 超域的日本文化研究, n. 10, p. 48-63, 2019.

KERSLAKE, Patricia. *Science Fiction and Empire*. Liverpool: Liverpool University Press, 2007.

MARCOS, Cristina M.; MENDONÇA, Renata L. A disjunção mãe/mulher a partir de uma prática de conversação. *Ágora*, v. 23, n.1, p. 94-102, 2020.

MCNEILL, David. Mind the Gender Gap: Kawakami Mieko, Murata Sayaka, Feminism and Literature in Japan. *The Asia-Pacific Journal*, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2020.

MELO-NASCIMENTO, Marina Teresinha de. Ryōsai Kenbo e o Mangá Shōjo: o mangá para meninas como construtor e propagador do ideal da "Boa Esposa e Mãe Sábia". Dissertação em Letras (Mestrado em Estudos Japoneses). 141f. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Orientais, 2020. Orientador: Wataru Kikuchi.

MURATA, Sayaka. Um casamento limpo. Tradução de Rita Kohl. *Granta Brasil*, v. 13, p. 11-28, 2015.

MURATA, Sayaka. 消滅世界. Tóquio: Kadokawa, 2018. Edição Bunko.

MURATA, Sayaka. *Querida konbini*. Tradução de Rita Kohl. São Paulo: Estação Liberdade, 2022.

OTSUBO, Sumiko. Between two worlds: Yamanouchi Shigeo and Eugenics in Early Twentieth-Century Japan. *Annals of Science*, v. 62, n. 2, p. 205-231, 2005.

OTSUBO, Sumiko; BARTHOLOMEW, James R. Eugenics in Japan: Some Ironies of Modernity, 1883-1945. *Science in Context*, v. 11, n. 3-4, p. 545-565, 1998.

RIEDER, John. *Colonialism and the Emergency of Science Fiction*. Middleton: Wesleyan University Press, 2008.

ROBERTSON, Jennifer. Blood talks: eugenic modernity and the creation of new Japanese. *History and Anthropology*, v. 13, n. 3, p. 191-216, 2002.

SEAMAN, Amanda C. “The Mommy Trap”: Childless Women Write Motherhood — Kōno Taeko, Takahashi Takako, and Murata Sayaka. In: COPELAND, Rebecca (Ed.). *Handbook of Modern and Contemporary Japanese Women Writers*. Tóquio: Amsterdam University Press, 2022, p. 195-208.

SILVA, Priscila E. da. *As origens da USP: raça, nação e branquitude na universidade*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SPECCHIO, Anna. No Sex and the Paradise City A critical reading of Murata Sayaka’s *Shōmetsu sekai* 消滅世界 (2015). *Kervan – International Journal of Afro-Asiatic Studies*, n. 24, v. 2, p. 373-396, 2020.

SPECCHIO, Anna. Women and Queer Kinships: Matsuura Rieko, Fujino Chiya, and Murata Sayaka. In: COPELAND, Rebecca (Ed.). *Handbook of Modern and Contemporary Japanese Women Writers*. Tóquio: Amsterdam University Press, 2022, p. 209-226.

WIEGMAN, Robyn. Sex and Negativity; or, What Queer Theory Has for You. *Cultural Critique*, v. 95, p. 219-243, 2017.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de R. W. Galindo e R. C. de Freitas. São Paulo: Todavia, 2021.